

[ENTRE PAISAGENS]: DO ATELIÊ ÀS PESQUISAS ACADÊMICAS

Tharciana Goulart da Silva¹

Resumo

O presente artigo aponta perspectivas de pesquisas *em Arte* no campo de Ensino das Artes Visuais. As investigações acadêmicas de Graduação e Pós-Graduação são fundamentadas em ações realizadas no *Grupo de Pesquisa [Entre Paisagens]*, que tem como *locus* de trabalhos práticos/reflexivos o *Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke*. Partindo da experiência *em Arte*, as Monografias e Dissertações apresentam um espaço para reflexão e discussão sobre o ser professor/artista. Como eixo teórico situam-se os escritos de Lampert (2015), Pessi (2002) e Dewey (2010).

Palavras-chave: Pesquisa *em Arte*, professor/artista, experiência.

[BETWEEN LANDSCAPES]: FROM THE ATELIER TO ACADEMIC RESEARCH

Abstract

This article points out perspectives of research *in Art* in the field of Visual Arts Teaching. The academic investigations of Undergraduate and Postgraduate Studies are based on actions taken in the *Grupo de Pesquisa [Entre Paisagens]* that has as a locus of practical/reflexive works the *Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke*. Starting from the experience in Art, the Monographs, and Dissertations present a space for reflection and discussion about being a teacher/artist. As theoretical axis lie the writings of Lampert (2015), Pessi (2002), and Dewey (2010).

Keywords: Research *in Art*, teacher/artist, experience.

O *Grupo de Pesquisa [Entre Paisagens]* (CAPES/CNPq), vinculado ao Centro de Artes (CEART) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), é coordenado pelas Professoras Jocielle Lampert e Elaine Schmidlin, e investiga o espaço/tempo da Arte na Arte Educação. Fundado no ano de 2014, o grupo propõe diálogos entre o ser professor e o ser artista.

¹ Mestre em Artes Visuais na linha de pesquisa Ensino das Artes Visuais PPGAV-UDESC (2017). Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). *E-mail:* tharcianagoulart@gmail.com.

Estar [entre paisagens] é desenvolver reflexões sobre as práticas docentes e poéticas, questionando como estas se sustentam e se cruzam. Para Lampert, o [entre] “[...] representa a busca por pesquisas, ancoradas na paisagem da experiência artística, que pode gerar outras instâncias de produção e reflexão” (2015, p. 65). A mesma autora demonstra perceber o ser professor/artista como um espaço de articulação que “direciona uma práxis de fazer artístico como pesquisa, que evidencia direcionamentos ao ensino [...]” (2015, p. 64).

Tendo como *locus* o *Grupo de Pesquisa [Entre Paisagens]*, o *Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke*² vem desenvolvendo há quatro anos investigações pautadas em Arte. Os estudos realizados nesse espaço têm refletido nas pesquisas acadêmicas de Monografia e Dissertação de seus integrantes, que derivam de metodologias traçadas na experiência em Arte, como Pesquisa Baseada em Arte, Pesquisa em Arte, Cartografia, A/r/tografia e Bricolagem.

Ateliê: espaço de prática e reflexão

O *Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke*, coordenado pela Professora Dr.^a Jocielle Lampert, é composto por alunos de Graduação, Pós-Graduação e pela comunidade, ou seja, pessoas que não necessariamente mantêm vínculo com instituições de Ensino, mas que em suas investigações desenvolvem o pensamento pictórico no campo expandido. Atualmente, acolhe vinte e dois integrantes, exercendo trabalhos nos quais envolve questões relacionadas a técnicas artísticas, estudos teóricos, desenvolvimento poético, Ensino e Aprendizagem de Artes Visuais. Assim, trata-se de um espaço onde

questões sobre Arte como experiência, sobre o lugar de quem produz e de quem ensina Arte, ou ainda de um saber/fazer competente ao artista, evocam a pesquisa/investigação sobre o modo como o ensino/aprendizagem no espaço do ateliê influenciam atitu-

² A palavra APOTHEKE tem origem grega no substantivo *apotheke*, que designava armazéns do porto de Atenas na Grécia Clássica; também de origem germânica, e indica a origem da palavra ‘botica, boticário ou farmácia’. A escolha por esta nomenclatura decorre da percepção da botica como lugar de laboratório, de um labor experimental, o que se aproxima da proposta do grupo que traz em sua fundamentação teórica a referência de John Dewey. Neste sentido, aponta-se para Arte como Experiência, como eixo de interação entre prática e teoria, não fazendo distinção entre o saber artístico e um saber intelectual, considerando o espaço/tempo Universitário em que estamos inseridos.

des, crenças, valores, estudos e produções artísticas dos sujeitos artistas pesquisadores, envolvidos com o grupo (LAMPERT; NUNES, 2014, p. 101).

Ao longo dos anos de 2014 e 2015, estudaram-se diferentes técnicas, como Encáustica (bidimensional e tridimensional), Cianotipia, Antotipia, Suminagashi, Monotipia, Pintura a óleo, Acrílica, Aquarela, Colagem e Desenho, pautadas na relação entre a Arte e a experiência (DEWEY, 2010). Tais estudos foram ancorados em pesquisas sobre artistas referências, questões de composição, cor, poética e potencialidade da imagem enquanto Arte.

As técnicas estudadas são tradicionais, mas o modo de pensá-las e desenvolvê-las não necessitam acontecer de forma correspondente. Quando refletidos de modo contemporâneo, ressignificados no espaço/tempo, podem discorrer sobre questões atuais e abarcar formatos diferenciados. Os estudos são ainda potencializados pela poética do professor/artista que os utiliza, a qual pode colocá-los em uma nova dimensão através da atitude de pensá-los e compô-los.

O *Apotheke*, como programa de extensão, oferece conversas, aulas abertas e micropráticas com artistas convidados, micropráticas sobre os estudos que se realizam como Grupo e residências artísticas. Desempenhou três exposições nas quais pôde discutir sobre suas produções, oferecer ações educativas e o estudo de práticas artísticas em outros espaços além da Universidade. Em 2014, a primeira mostra ocorreu na Fundação Hassis (Florianópolis/SC), em 2015, na Galeria Pedro Paulo Vecchietti (Florianópolis/SC), e em 2016 na Galeria Agostinho Duarte da UNOCHAPECÓ (Chapecó/SC). No ano de 2015, deu-se início também a uma revista acadêmica³, a qual publica artigos, entrevistas, resenhas e traduções, procurando ampliar e desdobrar as questões de Arte e Ensino.

As ações realizadas possibilitam o andarilhar pela pesquisa, apontando caminhos e compartilhando inquietações sobre o ser professor/artista. O *Grupo* é um espaço criativo que procura ir além do fazer, pois reflete questões teóricas e poéticas ancoradas na História da Arte, no Ensino, na Aprendizagem e na Filosofia. Dentre os autores referências, estudamos John Dewey, em especial o livro *Arte*

³ Plataforma da Revista Apotheke: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/APOTHEKE.33>.

como *Experiência* (2010), Kandinsky, *Do espiritual na arte e na pintura em particular* (1996), e Josef Albers, *A interação da cor* (2009). Por meio desses estudos os participantes desenvolvem ensaios, projetos e pesquisas plásticas.

O *Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke* demonstra a possibilidade de articulação entre a pintura e outras linguagens plásticas (englobando expressões contemporâneas). Mesmo tendo o foco sobre a pintura, sugere a compreensão do campo ampliado desta linguagem. Assim, este o *Grupo* evidencia a relevância de pensar o tempo e o espaço da pesquisa *em Arte*, e ainda se diferencia enquanto grupo de estudos por colocar em destaque a relação entre prática e teoria.

No ano de 2016, as ações aconteceram em formato diferenciado. O enfoque foi dado sobre o estudo de cor tendo como referência principal Josef Albers (2009). Albers trata especialmente sobre a interação, a relação entre as cores e as possíveis alterações ao se criar justaposições. Seus escritos propõem um aprofundamento primeiro no entendimento prático, e depois, teórico (assim, o conhecimento parte da prática), invertendo muitas vezes o que se propõe na academia.

Josef Albers objetivou seus estudos e docência sobre o sentido da visão. Em seu livro *A interação da cor* (2009), o autor discorre sobre o assunto explícito no título da publicação, demonstrando que a visão, como percepção sensorial sobre o mundo, por vezes nos “engana”. Tal engano deriva essencialmente da relatividade entre as cores e sua percepção através do espaço.

O autor aponta um modo de estudo de cor baseado na experimentação, em testes, justaposição, sobreposição e transparências. Dessa forma, foge do corriqueiro sobre as cores e suas misturas. Trazendo a questão da percepção visual, pondera sobre os efeitos cromáticos interativos, demonstrando a relevância de tal estudo para aquele que manipula e pensa a cor.

Assim, Josef Albers propõe soluções para problemas de ordem do pictórico por meio da pesquisa prática e posteriormente sobre a teoria. É somente pela reflexão da prática realizada, relacionada aos saberes, que a Aprendizagem pautada na experiência torna-se possível.

Josef Albers desenvolveu sua metodologia amparado em um distanciamento da Escola Tradicional, incisiva sobre os saberes dos educandos. O artista e professor,

desse modo, ancorou seu Ensino na questão da Filosofia da Experiência trazida por Dewey (2010), sugerindo maneiras de estudar e assim testar e perceber a cor.

A filosofia de Dewey permite delinear articulações na perspectiva do professor/artista e assim trazer reflexões também situadas no contexto do Ensino. Por isso, pode ser percebida como “um pragmatismo aliado a uma filosofia educacional que pede posturas ao professor” (PESSI, 2002, p. 19), e também posturas ao artista.

Para o reconhecimento da relevância de experiências ao Ensino e Aprendizagem “[...] é preciso, primeiramente, entender e insistir em acreditar no ser humano como quem quer experienciar o mundo” (PESSI, 2002, p. 20). Ao acreditar no Outro compreendendo-o como alguém que entrelaça experiências passadas e futuras, a fim de desenvolver uma consciência sobre o vivido, o Ensino se faz real e efetivo, e assim “é possível o deslocamento para um contexto mais amplo da sociedade” (PESSI, 2002, p. 25).

Por reconhecer o [entre] como recinto potente, um ‘disparador’ e um dispositivo de inquietação, o *Grupo Apotheke* trabalha em uma perspectiva aproximada a teoria de Albers e Dewey (2010), enfatizando a relevância da experiência *em Arte* para quem aprende e ensina.

Lugares de transbordamento: do ateliê às pesquisas acadêmicas

O *Estúdio de Pintura Apotheke*, por proporcionar ações investigativas que derivam sobre o espaço de prática e reflexão nas Artes Visuais e seu Ensino, tem sido evidenciado enquanto embasamento conceitual nos trabalhos acadêmicos de seus integrantes nos âmbitos da Graduação e Pós-Graduação.

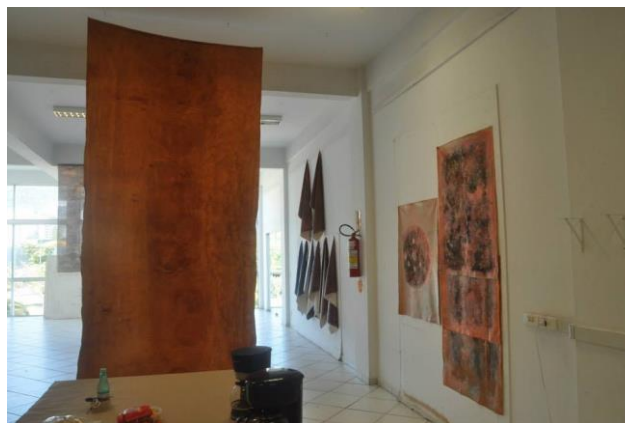
As pesquisas trazem percursos e momentos de produções artísticas e docentes. Suas provocações e sentidos residem, na prática, no que é vivido e ressignificado. Ou seja, o conhecimento é organizado pela experiência de produção e construção desses trabalhos.

Conforme o pensamento deweyano, a experiência é delineada por repousos e pausas (DEWEY, 2010). É nesses espaços de tempo que a reflexão acontece e, sem a conscientização do vivido, a mudança real contínua torna-se inacessível.

Portanto, há um tempo de ‘maturação’ entre o vivido no *Grupo* e a transformação dessa experiência para as investigações em Artes Visuais que deambulam sobre o Ensino.

As vertentes conceituais, os formatos das Dissertações e TCCs, assim como suas apresentações, fazem refletir sobre como se deseja que a pesquisa chegue ao Outro, como o experienciado é partilhado enquanto conhecimento. Desse modo, questionam como a Pesquisa *em Arte* transborda no espaço acadêmico enquanto visualidade.

A Dissertação *A monotipia no campo expandido: reflexões sobre Arte e Arte/Educação contemporânea*, apresentada por Leandro Serpa no ano de 2015, demonstra uma pesquisa que pondera sobre a experiência com a técnica monotipia enquanto campo expandido e suas possibilidades de abertura junto à poética e ao Ensino. Discorre sobre a experiência artística como um dos modos de fundamentar a prática docente. Em sua apresentação final, Serpa retorna ao espaço de ação do *Grupo Apotheke*, o ateliê de pintura da Universidade (UDESC), criando uma instalação com os seus trabalhos de modo a evidenciar o processo criativo.



Apresentação da Dissertação de Leandro Serpa.
Fonte: Acervo do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke.

Fábio Wosniak, na Dissertação *A poética na prática de um pedagogo: experiência sobre aprender Artes Visuais através da pintura*, fundamentou-se sobre o estudo da Cartografia e investigou como é desenvolvida a Aprendizagem em Artes Visuais por meio da pintura. A pesquisa de campo foi realizada através de sua atuação no *Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke*. Baseado em sua *Criar Educação*, Criciúma, v. 7, nº1, jan/jul 2018.– PPGE – UNESC

experiência e trajetória, o autor evidencia a relação entre a prática artística e a Educação.

Luciana Finco Mendonça, com a Dissertação *O lugar das Artes Visuais na Escola: reflexões sobre práticas pedagógicas diferenciadas* (2016), desenvolvendo como metodologia a Pesquisa Baseada em Arte, investigou práticas diferenciadas de Ensino no espaço da escolar. Para compreendê-las, realizou uma experiência de coleta em que propôs residência artística na Escola Lauro Müller, situada no centro de Florianópolis (SC). A residência contou com 13 artistas que interviram e criaram a partir do ambiente.

Derivando sobre o espaço da Educação Básica, a Dissertação parte de sua apropriação como forma de evidenciar o contexto no processo criativo do professor/artista. A apresentação final da Dissertação de Mendonça, realizada no ateliê de pintura da Universidade, retomou as imagens da Escola, das produções dos artistas e de suas produções poéticas e docentes criando um mapa/instalação.



Apresentação da Dissertação de Luciana Mendonça.
Fonte: Acervo do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke.

Diário de Professor/Artista: a prática como foco de investigação no Ensino das Artes Visuais (2016) é a Dissertação de Márcia Figueiredo. A autora, partindo da Bricolagem como metodologia, investigou diários de artistas e desenvolveu seu próprio diário. Situando-se como professora/artista viajante, reflete sobre seus percursos entre Curitiba (local onde residia) e Florianópolis (onde realizou seu Mestrado). Fundamentada nas práticas oportunizadas pelo *Estúdio de Pintura*

Apotheke, retoma o espaço de reflexão por meio da visualidade, tendo como eixo teórico principal o livro *Arte como Experiência* de John Dewey (2010).

José Carlos da Rocha, com a Dissertação *Experiências poéticas em Arte Educação com adolescentes no centro de internação feminina* (2017), baseado da a/r/tografia enquanto bússola metodológica, realizou uma investigação refletindo sobre o Ensino das Artes Visuais em espaço diferenciado. No Centro de Internação Feminina de Florianópolis efetuou uma coleta de dados com adolescentes entre 15 e 21 anos. Para isso, utilizou-se de técnicas artísticas tais como Monotipia, Cianotipia, Desenho e Colagem, como modo de emergir as memórias das internas e desenvolver o Ensino das Artes Visuais.

[*Entre*] *Imagens Transitórias*, Dissertação de Mestrado apresentada no ano de 2017 por Tharciana Goulart da Silva, questiona como a prática artística pode sustentar a prática docente na sala de aula. A Pesquisa em Arte como vertente metodológica é ressignificada na produção plástica e investigação docente. Para as percepções sobre o duplo – professor/artista – desenvolve uma pesquisa teórica e prática sobre a técnica de Antotipia⁴ (tendo como eixo poético coleções de insetos), a qual aprendeu no ano de 2014 no *Grupo de Estudos de Pintura Apotheke*. Após esta inserção no espaço prático e reflexivo, a autora realiza experiência no espaço escolar.



Apresentação da Dissertação de Tharciana Goulart da Silva.
Fonte: Acervo do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke.

⁴ Antotipia (também nomeada Phytotypes ou Anthotype) é um processo fotográfico alternativo e histórico desenvolvido no ano de 1842 por Sir John Herschel (1792-1871).

O Trabalho de Conclusão de Curso *Quando o limite não existe: processo, poética, arte contemporânea*, de autoria de Rita Eger, propõe um formato diferenciado que enfatiza sua prática artística. Desenvolvendo a *Pesquisa em Arte*, Eger cria um trabalho em “camadas poéticas” dividido em cinco livros nos quais fala de seu processo criativo a partir das obras.



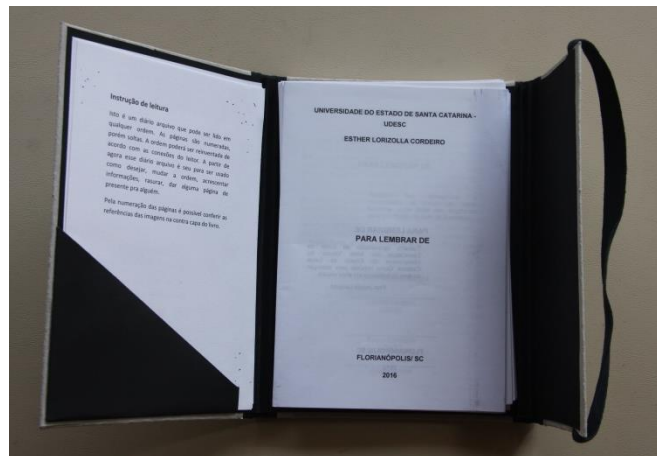
Monografia de Rita Eger: *Quando o limite não existe: processo, poética, arte contemporânea*.
Fonte: Acervo do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke.

Diários: processos educativos e artísticos (2015) é o Trabalho de Conclusão de Curso de Tharciana Goulart da Silva. O TCC, que traz as coleções como linha poética, é dividido em duas partes contendo pesquisas teóricas e práticas e um material artístico-pedagógico. O diário, como espaço para reflexão sobre atuações nas Artes Visuais, é colocado enquanto lugar que propõe autoavaliação e reflexão crítica sobre as experiências que tangenciam o professor/artista.



Monografia de Tharciana Goulart: *Diários: processos educativos e artísticos*.
Fonte: Acervo do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke.

Para lembrar de, Monografia de Esther Lorizolla Cordeiro, demonstra a relevância de diários na formação docente. No entanto, o trabalho não discorre sobre diários, mas é o próprio diário de uma licenciada em Artes Visuais. Assim, *Para lembrar de* tem folhas soltas e pode ser lido em qualquer ordem ou alterado; e é um escrito que mescla as relações entre Arte, vida e docência.



Monografia *Para lembrar de*, trabalho de conclusão de curso de Esther Lorizolla Cordeiro.
Fonte: Acervo do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke.

O *Grupo de Estudos Estúdios de Pintura Apotheke* é evidenciado nas pesquisas aqui apresentadas como lugar que nutre a relação entre a prática e a reflexão na Arte. As pesquisas derivam do ateliê, dos processos de experienciar para ensinar.

De diferentes modos e com distintas interrogações as investigações dos Mestres e Graduados colocam em discussão o espaço e a construção do professor/artista, não necessariamente como alguém que deve ter uma prática *em Arte* (enquanto processo artístico), mas como sujeito que parte de questões entrelaçadas dos olhares artísticos e educativos, poéticos e docentes, e assim rompe espaços instituídos para ressignificá-los através do pensamento estético.

Pesquisas *em Arte*: o professor/artista como sujeito caminhante

O [entre] se constrói como recinto investigativo e formativo do professor/artista. A pesquisa *em Arte*, quando situada no Ensino das Artes Visuais, direciona-se ao processo criativo, seja este o traçado de um planejamento de Ensino ou desenvolvimento de uma obra. Nesse sentido, deriva de um espaço de ação e reflexão sobre as práticas do professor/artista.

A pesquisa *em Arte* contempla um caráter processual, pois parte dos acontecimentos, e por isso reside sobre os processos investigativos. Seu objeto de estudo advém do ato criativo. É a ação de fazer/planejar, mas também inquietações e desdobramentos de seu decorrer enquanto conceito e olhar poético.

As experiências do professor/artista, o que lhe toca no sensível, são algo pessoal que fazem parte do seu olhar sobre o mundo e o processo de criação. Por isso, interferem na maneira como uma metodologia de pesquisa é construída. As possibilidades metodológicas e as escolhas sobre os caminhos percorridos durante o processo criativo são variadas, mas também são singulares, pois

[...] o percurso criador, ao gerar uma compreensão maior do projeto, leva o artista a um conhecimento de si mesmo. Daí o percurso criador ser para ele, também, um processo de autoconhecimento e, conseqüentemente, autocriação, no sentido de que ele não sai de um processo do mesmo modo que começou: a compreensão de suas buscas estéticas envolve autoconhecimento (SALLES, 2014, p. 65).

Desse modo, por mais que parem diversas maneiras de realizar a pesquisa *em Arte*, o traçado de uma metodologia é algo único e subjetivo, que compreende o processo artístico e docente. Em razão disso, requer desenvolvimentos,

regularidades, e assim proporciona o autoconhecimento e a construção da subjetividade.

A pesquisa *em Arte*, aporta sobre problemáticas diferentes de outras áreas de pesquisa (talvez mais reconhecidas tradicionalmente), mas isso não significa que, ao realizar uma pesquisa *em Arte*, deve-se necessariamente excluir outras possibilidades de pesquisas que são comuns em campos não dominados por esta. Pois a técnica e a poética em relação ao trabalho podem exigir desdobramentos intelectuais e metodológicos por parte do professor/artista, e a pesquisa *sobre Arte* torna-se um embasamento para produção na Arte e na Arte Educação.

O professor/artista, ao traçar escolhas, confere uma direção ao seu trabalho, caminho construído ao longo do processo, mas que não necessariamente elimina as ações do acaso enquanto elemento para apropriar-se ou do erro como acontecimento com possibilidade propulsora. Ao construir-se uma metodologia própria de pesquisa, “muito mais importante do que achar respostas é saber colocar questões” (REY, 2002, p. 127). O hibridismo da pesquisa *em Arte*, que por vezes tangencia outras áreas de estudos, propõe desafios ao pesquisador, nos quais seu processo deve ser crítico e reflexivo para não recair apenas sobre o fazer.

Refletindo sobre a metodologia da pesquisa *em Arte* enquanto um caminho, um percurso criador que também se desenvolve em seu decorrer, Fervenza coloca:

Os caminhos são muitos [...] São inevitáveis as bifurcações, os desvios, as pontes, as derivas do andar. Muitas vezes jogamos pedras no escuro, para que elas nos indiquem a presença ou ausência dos abismos. O caminho está indissoluvelmente ligado ao caminhante e seu andar. Resumindo: os caminhos em questão se fazem à medida que caminhamos (FERVENZA, 2002, p. 67).

O objeto de estudo desta metodologia do caminhar, do professor/artista enquanto sujeito caminhante atento e que pode perceber seu processo criativo enquanto rede (SALLES, 2014), também é construído em seu desenvolver. Novas proposições são percebidas no decorrer da pesquisa, por isso esta é baseada no sentido de processo.

Desse modo, o [entre], conceito norteador do *Grupo de Pesquisa [Entre Paisagens]* situa-se como um ambiente de ação para os meandros das pesquisas Criar Educação, Criciúma, v. 7, nº1, jan/jul 2018.– PPGE – UNESC

apresentadas. Perceber-se no espaço do [entre] não quer dizer criar zonas fechadas de estudos, mas abrir horizontes para as experiências. Este reverbera sobre os modos de fazer, de pensar e atuar. Sua singularidade reside na inquietude do pensamento estético e docente.

Referências:

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERVENZA, Helio. Olho mágico. In: BRITES, B.; TESLER, E. (Orgs.). **O meio como ponto zero: metodologia de pesquisa em Artes Plásticas**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2002.

LAMPERT, Jocielle. [Entre paisagens] ou sobre 'ser' artista professor. In: **Ecologias Inventivas: experiências nas/das paisagens**. GUIMARAES, L. B. [et al.]. 1. ed. Curitiba: CRV, 2015.

LAMPERT, Jocielle; NUNES, Carolina Ramos. Entre a prática pedagógica e a prática artística: reflexões sobre Arte e Arte Educação. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v.7, n. 3, set./dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/14258>>. Acesso em: jan. 2016.

PESSI, Maria Cristina Alves dos Santos. Experiência Estética: Construindo Professores de Arte. **Revista Nupeart**, Florianópolis, v. 1, set. 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/3032>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

REY, Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, B.; TESLER, E. (Orgs.). **O meio como ponto zero: metodologia de pesquisa em Artes Plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

SALLES, Cecília Almeida. *Redes da Criação: construção da obra de arte*. 2. ed. São Paulo: Horizonte, 2014.

Recebido em dezembro 2017

Aprovado em fevereiro 2018